

★ ÁFRICA DIASPÓRICA E SEUS (COM) TEXTOS QUAIS TEXTOS SÃO CONSIDERADOS ARTE E LITERATURA E EM QUE CONTEXTO?

Layla de Lima Marques Santos

Bacharel e Licenciatura em Letras (UNIFESP). Mestre em Artes da Cena (ESCH). Pós-graduação em Africanidades e Cultura Afro-brasileira (Anhanguera Educacional). Professora de Língua Portuguesa.

Resumo: Este artigo tem o cunho exploratório para, em uma primeira proposição, pensar qual o espaço, no que toca à arte, está inserido na literatura em sala de aula. Com base na expressividade africana trazida por Asante (2014), e Martins (2021) e suas multiplicidades, me proponho a refletir em sala de aula qual o contorno daquilo que chamamos de literatura africana e/ou africana diaspórica e seus possíveis desdobramentos em diferentes linguagens artísticas. Para projetar essa reflexão, recorreremos ao uso e aplicação da lei 10.639, a qual refere-se a obrigatoriedade da história e cultura afro-brasileira no âmbito escolar.

Palavras-chave: Literatura africana; Mediação cultural; Lei 10.639.

DIASPORIC AFRICA AND ITS CONTEXTS WHICH TEXTS ARE CONSIDERED ART AND LITERATURE AND IN WHAT CONTEXT?

Abstract: In a preliminary proposal, this article has the exploratory nature of thinking about which space literature's is inserted in literature in the classroom in terms of art. Based on the African expressiveness addressed by Asante (2014), and Martins (2021) and their multiplicities, we propose to reflect in the classroom what the outline of what it's called African literature or African diasporic literature and its possible developments in different artistic languages. To project this reflection we used and application of Law n° 10.639, which refers to the obligation of African-Brazilian history and culture in the school context.

Keywords: African Literature; Cultural Mediation; The law n° 10.639.

Nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou pra trás

Esta pesquisa exploratória tem o intuito de buscar na literatura esse campo artístico de produção e materialidade no espaço escolar, que também se apresenta como produto cultural. Então a primeira proposição é a aproximação no campo escolar da literatura, primeiramente como uma linguagem artística, em que cumpre esse papel de ampliar, e/ou modificar a visão e o olhar sensível do aluno sobre o mundo que o cerca, como também um importante instrumento de autonomia e desenvolvimento da escrita e expressão. E ter, como sustentação desse desenvolvimento, a figura do professor como mediador nessa vivência.

A investigação apresentada para o plano de trabalho se propõe, a partir da aproximação da figura do professor/educador com a figura do mediador cultural, dar possibilidades de transformar a experiência escolar e artística, que busca auxiliar, como outras esferas sociais, a construção de um ser humano autônomo, crítico, questionador e reflexivo, através da literatura. A literatura, como outras linguagens artísticas, cumpre com o papel de ampliar, e/ou modificar a visão e o olhar sensível do estudante sobre o mundo que o cerca, como também se mostra um importante instrumento de autonomia e desenvolvimento da escrita e expressão.

Propomos avaliar a aplicação da lei 10.639/03, em que se estabelece o ensino obrigatório da história e cultura afro-brasileira em todo o currículo do ensino regular, mas sobretudo nas matérias de educação artística, literatura e história, fato esse que por si só, sugere um solo interdisciplinar e transversal nesse campo de estudo, como também torna bastante fértil esse terreno em artes da cena, e mediação cultural. Qual o lugar de arte que a literatura ocupa no ambiente escolar para que se possa discutir uma história africana e sua cosmovisão, que se faz presente na diáspora através de um corpo-quilombo, que habita em mais de 50% da popula-

ção brasileira, esse corpo que, como nos diz Beatriz Nascimento (1985), traz uma memória coletiva de herança e resistência, sendo por extensão, o próprio quilombo?

Pensar a literatura preta localizada na perspectiva afroreferenciada se faz muito necessária, pois como reflete Ailton Krenak, a valorização de uma ideia em detrimento a outra, levam as sociedades a “um só tipo de humanidade”, e assim, alguns povos sofrem um processo de violência ideológica, ética, religiosa, cultural. Ou ainda, como elucidada Renato Nogueira, o discurso corrente de que a filosofia nasceu na Grécia no séc. VI é uma hipótese. E não uma verdade universal, muito menos será a única hipótese. Podemos ainda transpor esse exemplo da filosofia para outras áreas e pensar que nenhuma “invenção” é monopólio do ocidente, mas sim uma escolha de um ponto de partida.

Tem-se aqui neste artigo o propósito de formular algumas questões para serem pensadas, partindo do próprio sujeito preto que a produziu e que a produz. Propõe-se uma localização de sua própria experiência, história, perspectiva e cosmovisão como direção e caminho e construção de sentidos. Nesse sentido, a partir da África e sua diáspora, será que o que é dado como literatura dentro de um espaço branco onde se valoriza a perspectiva ocidental acadêmica acolhe e incorpora o que o próprio autor/artista preto frutifica? E o fruto dessas expressões são emolduradas como arte? Qual o limite na valorização e legitimação dessas produções? *A Oralitura* (MARTINS, 2003) e diversas outras manifestações são marginalizadas ou ocupam um lugar central? Esse lugar central parte de qual sujeito agente?

É possível atravessar um limite fronteiro e considerar que a literatura também convida a uma materialidade que não se detém às letras de um texto, mas que essas letras e palavras ganham dimensões, ganham formas das mais variadas, atingem a interpretação, a musicalidade, as profundidades e movimentos corporais. Se entendermos que na presença de mundo africana não há uma divisão

e separação entre diferentes aspectos da vida, mas há um *continuum*, uma integração, um elo, uma ligação (BÂ, 1982), será que poderíamos nos deslocar e expandir nossas expressões e leituras? Que leitura fazemos dos itans, das histórias, dos ensinamentos de antepassados através das danças dos orixás? Ou como concebemos uma batalha de *rap*, de *break*? Que a partir de uma letra de música, que retrata o cotidiano e a realidade sem perder o lirismo, há diversas expressões que são estendidas, e associadas, como o *DJ*, o *b-boy* e o *graffiti*.

Por fim, e sobretudo, mais que elaborar uma resposta pronta e exata, é válido o olhar estrangeiro e o lugar nada confortável de se despir daquilo que temos como normatização do olhar, para que possamos enxergar as expressões e manifestações culturais, fundamentados no olhar africano de expansão de ser e estar nesse mundo (MARTINS, 2021).

Pra quem não sabe, um jardim é uma floresta

Para iniciar essa dissertação, é necessário em um primeiro momento, mudar a posição de nossas direções de pensamento. Tomar o berço africano como centro de nossa noção, imagem e concepção (DIOF, 1974). Sendo assim, proporcionar aos africanos e seus descendentes na diáspora e em África, serem agentes de sua própria história, para que possamos refletir e questionar pensamentos e ações centradas a partir de valores e perspectivas africanas e refutar o reducionismo de interpretações eurocêntricas como universais (ASANTE, 2014).

Portanto, o presente artigo se propõe a refletir a literatura africana em dois desdobramentos distintos em sala de aula, o primeiro deles é explorar as narrativas contidas em diferentes registros textuais no continente africano, tais como os adinkras, um conjunto de símbolos do povo Akan que podem ser “traduzidos” em provérbios; os sonas, desenhos geométricos do povo Tchokwe que habita a região da Angola, os quais contêm diversas narrativas tais

como provérbios ou fábulas; e os hieróglifos, uma escrita pictográfica do antigo Kemet, berço da civilização. A exploração e apresentação em sala de aula, se dará através de jogos da memória com as referidas grafias, releituras dessas narrativas, discussões sobre a multiplicidade de interpretações dos provérbios. Possibilitando, dessa maneira, o reconhecimento de que os primeiros registros escritos se encontram no continente africano. E ainda, refutar o pensamento comum preconcebido de que:

[...] A questão da oralidade está frequentemente ligada a povos ágrafos, ou melhor, tem-se como verdadeiro que o conhecimento, a história de uma sociedade é transmitida por meio do oral em grupos que não têm o domínio da escrita, são desprovidos de grafia, contrapondo-se às sociedades letradas, alfabetizadas. (Castro, Menezes, 2007, p.3).

E o segundo desdobramento se dá a partir do reconhecimento e importância da oralidade, como também, da sacralidade da palavra através do mito de Anansi, mito vivo no oeste africano. Mito este registrado graficamente através do adinkra que recebe o mesmo nome, *Anansi*. E aqui, se apresenta uma outra condução sugerida como atividade em sala de aula, a contação do mito de *Anansi*.

Evidenciando, dessa maneira, a fala como elemento sagrado, e sua posição extremamente magnífica como eficaz meio de preservação e resistência cultural e histórica dos saberes ancestrais africanos. Como podemos verificar na afirmação seguinte: “[...] Na África antiga, a magia era inseparável de toda e qualquer ação.” (NIANE, 2010, p. 149). Dessa maneira, a palavra falada era o meio pela qual os humanos se utilizavam para promover o contato com o sagrado, é somente através da oralidade que o ser humano consegue manter o equilíbrio entre os seus congêneres e com toda a natureza e o mundo em que vive.

Como um dos pontos de partida para a criação manual de um caderno, em que a proposição artística será o registro livre dos caminhos percorridos

entre trocas e discussões, utilizaremos a definição de *Orality* para guiar a expansão e as dimensões da literatura africana e africana diaspórica. Os registros de si, sendo atravessados por essa literatura serão uma expressão artística final, através desse caderno elaborado pelos sujeitos envolvidos, tanto pelo próprio corpo discente, quanto pela minha própria pessoa, situada em existência como uma mulher preta, atravessada pelo papel de professora de literatura no ensino regular. O termo cunhado por Martins nos instiga a (re)pensar essas expressões e, por extensão os limites da literatura:

Conceitual e metodologicamente, *orality* designa a complexa textura das performances orais e corporais, seu funcionamento, os processos, procedimentos, meios e sistemas de inscrição dos saberes fundados e fundantes das epistemes corporais destacando neles o trânsito da memória, da história, das cosmovisões que pelas corporeidades se processam. E alude também à grafia desses saberes, como inscrições performáticas e rasura da dicotomia entre oralidade e escrita. (Martins, 2021, p. 41).

Assim como também, será utilizado para essa reflexão, o paradigma da Afrocentricidade (ASANTE, 2014), o qual pontua, entre outras coisas, a necessidade de localização do pensamento, tendo como referência o próprio ser-estar no mundo na perspectiva africana. Segundo ele:

Afrocentricidade como uma teoria da mudança tem a intenção de re-localizar a pessoa africana como sujeito, destruindo assim a ideia de que ela é um objeto no projeto ocidental de dominação. Como uma ideia pan-africana, a Afrocentricidade torna-se a chave para a boa educação das crianças e a essência de um renascimento cultural africano. (Asante, 2014, p.1).

Aquilo que o ocidente define como arte, é arte

para os povos pretos? Por exemplo, as máscaras da etnia Mboh Oku, em Camarões é arte? Ou a cabeça de bronze de Ifé, na Nigéria, é arte? Será que essas expressões ocupam o lugar de “objetos”? Ou ainda, de “objetos” para serem “contemplados”? Ou será que podem estar inseridos dentro de um contexto espiritual e da cosmovisão de determinados povos africanos? E a literatura como é comumente definida pelo academicismo branco, abarca todas as manifestações literárias pretas? Essa literatura que pulsa nas ruas e nas vidas e comunidades pretas, pode ser vista como literatura? O movimento hip hop, as cantigas de capoeira, as danças que recontam itans nos xirês de candomblé são literatura?

O intuito, portanto, é apresentar a reflexão acerca da definição de literatura e arte a partir de nossa própria definição africana. Será que partilharmos a ideia de produção e consumo da arte? Será a literatura associada a outros aspectos da vida social e comunitária? Ou ela parte de uma perspectiva individualista?

Para pensar esse espaço de criação e expressão artística dentro da sala, tendo como referência a presença cultural africana, há a necessidade de reconhecer que a cosmovisão africana de ser no mundo, predispõe uma leitura holística, espiritual, ancestral, circular, onde o ser humano é um todo, integral e integrado com o meio, com a comunidade, e não divisível ou compartimentado como comumente proposto na leitura ocidental. No livro dos mortos do antigo Egito, uma das grandes referências da literatura africana, ou assim como nos explicita Noguera (2015), temos o coração (*ib*) como a centralidade do intelecto, e das ações. Não há separação entre matéria e espírito, não há afastamento entre emoção e razão. No lugar de uma linha reta, há a encruzilhada, o mercado das trocas, da comunicação, da multiplicidade de caminhos, como bem traduzido na figura de Exu, na cultura Yorubá.

Por fim, é importante salientar que a compreensão de ser africano, e a aproximação e diálogo entre diferentes culturas e povos africanos junto à

afro-brasileira como uma literatura africana se dá a partir da compreensão que faz Cheik Anta Diop (2014) de reconhecer uma unidade cultural entre os diferentes povos e etnias que existem no continente africano, sem desconsiderar a diversidade existente no continente e de Asante (2014) de compreender que muitos desses aspectos perpetuam a herança ancestral na diáspora.

Exu matou o pássaro ontem com a pedra que atirou hoje

O caminho que percorro neste presente artigo é pensar a leitura, estudo e reflexão de produções literárias africanas e africanas diaspóricas, com os adinkra, os sona, os hieróglifos, e assim conduzir um entendimento de uma África gráfica, e posteriormente pensar o lugar da oralidade e sua importância nas culturas africanas, a partir da contação do mito de Anansi, e, por conseguinte, relocalizar o lugar e os limites da legitimada literatura. Caminho este que será guiado a partilhar narrativas, saborear trocas e saberes em sala de aula. Sugerindo como produto final a elaboração manual de um caderno, tanto pelos estudantes quanto pela figura do professor, que será apoio para registrar, de maneira artística e livre os caminhos explorados acerca da temática e suas possíveis reverberações nas vivências partilhadas pelos sujeitos envolvidos.

A escolha de textos literários pretos, e perspectivas teóricas que privilegiem como ponto de partida a África e sua diáspora, é considerar os sujeitos negros atuantes em sua própria história, é compreender uma autonomia de ser, estar e se expressar no mundo inseridos dentro de sua própria cultura. A afrocentricidade com um paradigma e não metodologia nos instiga a formular questões mais do que respondê-las. Nos realoca para a elaboração da questão, e a não validar, de antemão, o que já está estabelecido como padrão e norma de um modelo pronto a ser seguido.

Desse modo, desde a experiência de desenraizamento provocado pela *Maafa* (ANI, 1994), e pelo aspecto de dominação da cultura branca e academi-

cista, seria formular o questionamento para o próprio sujeito negro que produz arte literária, o que seriam esses lugares, e como se dá essa experiência partindo do pressuposto de que há uma herança da cultura africana que não foi dissolvida nesse processo, e ao contrário, combate e se reinventa viva no cotidiano. Há uma curva na temporalidade africana, ela não é retilínea. Essa curva se multiplica, se movimenta, e é esse *espiralar* dentro da perspectiva africana que revive em cada ascendente, em cada corpo-quilombo saberes e memórias ancestrais, como coloca Martins:

[...]O corpo, nessas tradições, não é tão somente a extensão ilustrativa do conhecimento dinamicamente instaurado pelas convenções e pelos paradigmas seculares. Esse corpo/corpus não apenas repete um hábito, mas também institui, interpreta e revisa a ação, evento ou acontecimento representado. Daí a importância de ressaltarmos nessas tradições sua natureza meta constitutiva nas quais o fazer não elide o ato de reflexão; o conteúdo imbrica-se na forma, a memória grafa-se no corpo, que a registra, transmite e modifica perenemente. (Martins, 2021, p.89).

Portanto, temos o intuito e o propósito, de possibilitar a compreensão da expansão e expressão africana em sala de aula, a partir das literaturas, ou melhor, oralituras e seus desdobramentos nas transmissões de saberes, da história e das culturas.

Referências

- ANI, M. **Yurugu: An african-centered critique of European cultural thought and behavior**. Trenton, NJ: African World Pr, 1994.
- ASANTE, M. K. **Afrocentricidade: a teoria de mudança social**. Tradução de Ana Monteiro Ferreira, Ama Mízani e Ana Lúcia. Philadelphia, PA: Afrocentricity International, 2014.
- ASANTE¹, M. K. **Afrocentricidade como crítica do paradigma hegemônico ocidental: introdução a uma ideia**. Tradução de Renato Nogueira, Marcelo J. D. Moraes e Aline Carmo. Revista de Ensaios Filosóficos, volume XV. Rio de Janeiro, 2016 2016.
- BÂ, A. H. **A tradição viva**. In: KI-ZERBO. História Geral da África. v. I - Metodologia e Pré-história, 1982.
- BARBOSA, A. M.; COUTINHO, R.e G. **Arte/Educação como mediação cultural e social**. São Paulo: UNESP, 2009.
- BRITO, D. **Pequeno ensaio para mover ou se a sala de aula fosse gerida pela pélvis?** Por uma educação em Direitos Humanos, São Paulo, v.1, n.1, p. 28-32, nov.2020. Disponível em <https://www.ia.unesp.br/Home/comunidade/direitoshumanos/por-uma-educacao-em-direitos-humanos.pdf> > Acesso em 23 de janeiro de 2023.
- DIOP, C. A. **A unidade cultural da África negra**. Edições Mulemba; Edições pedagogo, 2014.
- DIOP, C. A. **A origem africana da civilização: Mito ou realidade**, UNIFAP; NEAB, 1974. Disponível em: <<https://www2.unifap.br/neab/files/2018/05/Dr.-Cheikh-Anta-Diop-A-Origem-Africana-da-Civiliza%C3%A7%C3%A3o-ptbr-completo.pdf>> Acesso em 20 de janeiro de 2023.
- DOS SANTOS MENEZES, M.; DE CASTRO, J. **Culturas orais e linguagem gráfica**. In: **Graphica'2007: VII International Conference on Graphics Engineering for Arts and Design & 18º Simpósio Nacional de Geometria Descritiva e Desenho Técnico**. Curitiba-PR. 2007
- FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação, cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- GERDES, P. **Geometria sôna de angola**. In: **Volume II : Explorações educacionais e matemática de desenhos africanos na areia: um estudo em cultura e educação matemática**, ISTEG Belo Horizonte. Boane Moçambique, 2014.
- HAERTER, L.; JÚNIOR, H. F.; BUSSOLETTI, D. M. **As teias de Anansi e a tessitura de histórias na manutenção de identidades negras: um olhar afrocêntrico de conhecimento. identidade!**, v. 18, n. 3, p. 372-381. Periódico do Grupo Identidade da Faculdade EST/IECLB. São Leopoldo/RS, 2013.
- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo** (Nova edição). Editora Companhia das Letras. São Paulo, 2019.
- LIMA, M. A.; COSTA, A.C. **Dos griots aos Griôs: a importância da oralidade para as tradições de matrizes africanas e indígenas no Brasil**. Revista *Diversitas*, São Paulo, n. 3, p. 216-245, 2016.
- MARTINS, L. M. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2021.
- MOURA, C. **Quilombos: resistência ao escravismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2020.
- NASCIMENTO, E. **Da escravidão discursiva aos orikis em sala de aula: mito e música sacra de matriz africana na Poética do Candombeiro**. In: São Paulo: Congresso ABRALIC. 2008.
- NASCIMENTO, M. B. **O conceito de quilombo e a resistência cultural negra**. Afrodiáspora. Nos. 6-7, pp. 41-49, 1985.
- NIANE, Djibril Tamsir (coord.). **História geral da África, IV: África do século XII ao XVI**. 2.ed. rev. Brasília, UNESCO, 2010.
- Nogueira, R. **Amenemope, o coração e a filosofia ou a cardiografia do pensamento**. In Brancaglioni Jr, A. (org). Semama – Estudos da Egptologia II. Rio de Janeiro: Seshat, 2015.
- TURE, K.; ASANTE, M. K. **Pan Africanismo e Afrocentricidade (A África e o futuro)**. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MTrvlbOd-sY>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2023.
- Informações encontradas no site: <https://ipeafro.org.br/acoes/pesquisa/adinkra/>. Acesso em 10 de janeiro 2023

Recebido 15/06/2023.

Aprovado: 14/07/2023.